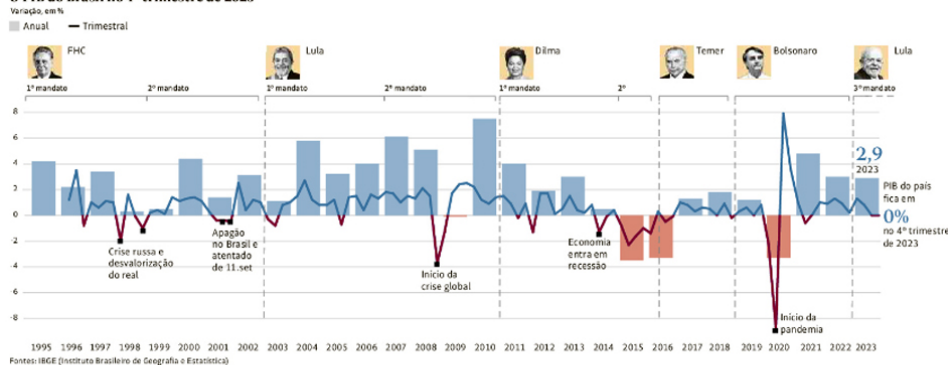


PIB cresce 2,9% em 2023, mas estagna no 2º semestre

O PIB do Brasil no 4º trimestre de 2023



Economia avança 2,9% em 2023, mas fica estagnada no segundo semestre

Retração nos investimentos, na indústria e na construção é sinal de alerta, afirma analista

Leonardo Vieceli e Eduardo Cucuto

RIO DE JANEIRO SÃO PAULO. Sob influência de recorde na agropecuária, a economia brasileira fechou o ano de 2023, o primeiro do governo Luiz Inácio Lula da Silva (PT), com crescimento acumulado de 2,9%. É o que apontam dados do PIB (Produto Interno Bruto) divulgados nesta sexta (4º) pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). O resultado ficou levemente abaixo da variação de 2022 e da mediana das expectativas do mercado financeiro, ambas de 3%.

Os dados também mostram uma desaceleração da atividade econômica no segundo semestre, após o impulso da agropecuária, mais concentrado nas safras do início de ano. Considerando só o quarto trimestre de 2023, o PIB ficou estagnado (zero) ante os três meses imediatamente anteriores. A expectativa de analistas era de variação de 0,2%, segundo a agência Bloomberg.

O PIB também ficou estagnado no terceiro trimestre de 2023, na comparação com os três meses imediatamente anteriores. O IBGE revisou o desempenho desse período de 0,1% para zero.

Os dois intervalos de variação nula (0%) vieram após altas de 0,8% no segundo trimestre de 2023 e de 1,3% no primeiro.

Apesar da perda de força na segunda metade de 2023, o PIB fechou o ano passado com um resultado superior (2,9%) ao projetado inicialmente por analistas.

Ao final de 2022, o mercado financeiro esperava um crescimento de apenas 0,8% para o acumulado de 2023, conforme a mediana do boletim Focus, divulgado pelo BC (Banco Central). As previsões subiram com o passar dos meses.

“As commodities deram o tom do crescimento em 2023”, diz a economista Juliana Trecco, do FGV Ibre (Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas), em referência ao comportamento positivo da agropecuária (15,1%) e da indústria extrativa (8,7%).

“A economia cresceu bastante, mais do que o esperado no início do ano passado. É um bom resultado, mas ainda tem pontos de alerta”, pondera.

Os pontos de alerta, segundo a pesquisadora, estão associados ao desempenho negativo em 2023 de componentes do PIB como indústria de transformação (1,1%), consumo (0,2%) e investimentos produtivos na economia (-3%). O trio sentiu os efeitos dos

juros elevados no ano passado, mas o recente ciclo de queda da Selic pode trazer estímulos em 2024, apontam analistas.

O PIB registrou no primeiro ano do terceiro mandato de Lula um desempenho inferior ao de 2007 (6,1%), que marcou o começo do segundo governo do petista. Na comparação com 2003 (1,1%), ano inicial do primeiro mandato do presidente, a variação de 2023 é mais expressiva.

Em 2019, período inicial do governo Jair Bolsonaro (PL), antecessor de Lula, o PIB teve alta de 1,2%, segundo o IBGE.

Ao subir 15,1% em 2023, a agropecuária registrou sua maior variação em um ano fechado na série histórica do IBGE, iniciada em 1996.

Puxado por culturas como soja e milho, o setor foi responsável diretamente por cerca de um terço do avanço do PIB no ano passado.

“A agropecuária teve papel fundamental na economia brasileira”, afirmou Rebeca Palis, coordenadora de Contas Nacionais do IBGE.

Os serviços (2,4%) e a indústria (1,6%) também avançaram no período. No caso da indústria, o instituto destacou a influência positiva do setor extrativo.

Essa atividade teve alta de 8,7% no ano, devido ao aumento da extração de petróleo, gás natural e minério de ferro. A agropecuária e o setor extrativo têm grande impacto no mercado externo.

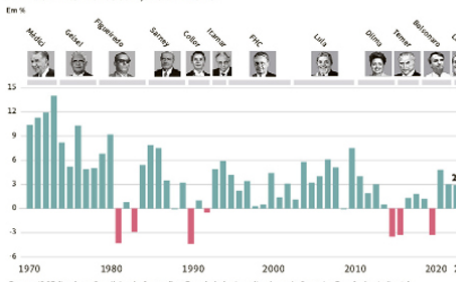
Ainda na indústria, o segmento de transformação e a construção patinaram em meio ao cenário de juros elevados. As atividades recuaram 1,3% e 0,5%, respectivamente.

O economista-chefe da Fiesp (federação das indústrias de São Paulo), Igo Rocha, afirma que, enquanto as grandes economias se apoiam em uma indústria de alta tecnologia, o Brasil segue dependente dos setores primários. “Fica muito difícil superar a armadilha da renda média se a gente não entender que uma cadeia não fica de pé somente numa puma”.

Para a Fiesp, a queda dos juros e os programas do governo devem contribuir para um resultado positivo em 2024 para o setor, mas ainda abaixo da média do PIB nacional. A entidade prevê crescimento de 1,8% para o PIB neste ano, com avanço de 1% na indústria de transformação.

Pela ótica da demanda, o IBGE destacou o comportamento do consumo das famílias, que avançou 3,1% em 2023. A alta fora de 4,1% em 2022. Palis disse que o crescimento

PIB do Brasil cresce 2,9% em 2023



PIB completa recuperação após recessão de 2014-2016



do consumo no ano passado teve influência da melhoria do mercado de trabalho, com aumento da ocupação e da massa salarial, além da régua da inflação.

“Os programas de transferência de renda do governo colaboraram de maneira importante no crescimento do consumo das famílias, especialmente em alimentação e produtos essenciais não duráveis”, acrescenta a pesquisadora.

O patamar elevado dos juros, por outro lado, representou um entrave para um avanço maior desse indicador. O ciclo

de cortes da taxa básica, a Selic, só teve início em agosto.

Outro componente que costuma sentir o impacto dos juros é o dos investimentos produtivos na economia, mediado pela FRCF (Formação Bruta de Capital Fixo).

Em 2023, esses aportes tiveram queda de 3% no PIB. Trata-se da maior redução dos investimentos desde 2016 (12,1%), quando o Brasil estava em recessão.

Ainda na parte da demanda, a economia contou com estímulos das exportações (9,1%), que têm relação com a agropecuária, e do consumo do governo (1,7%).

No quarto trimestre de 2023, a estagnação do PIB veio acompanhada por avanços de 1,3% na indústria e de 0,3% no setor de serviços.

A agropecuária, por outro lado, caiu 5,3%. O IBGE pondera que safras importantes, como as de soja e milho, estão concentradas no primeiro semestre, o que ajuda a explicar o resultado negativo.

O consumo das famílias perdeu fôlego no quarto trimestre. O componente recuou 0,2%, após alta de 0,9% nos

três meses anteriores.

Já os investimentos produtivos na economia avançaram 0,9% no quarto trimestre. O aumento veio após uma queda de 2,2% no período anterior.

“Era esperado que o segundo semestre fosse mais enfraquecido, após o efeito maior das commodities, com os juros elevados e o cenário internacional incerto”, afirma Sergio Vale, economista-chefe da consultoria MB Associados.

Para o PIB de 2024, a expectativa, por ora, é de desaceleração. Analistas do mercado projetam um avanço de 1,7%, segundo a mediana da edição mais recente do Focus, publicada na terça (27) pelo BC.

As estimativas vêm subindo nas últimas semanas. Ao final de 2023, por exemplo, o mercado esperava crescimento de 1,5% para o PIB de 2024.

Neste ano, a atividade econômica não deve contar com o mesmo impulso da agropecuária, já que fenômenos climáticos extremos jogam contra a produção no campo.

Sob influência do El Niño, o Brasil viveu episódios como ondas de calor, seca e tempestades em regiões produtoras nos últimos meses.

Os juros, por outro lado, estão em ciclo de queda. O corte da Selic é visto como possível estímulo para o consumo e os investimentos em 2024.

“Temos um cenário um pouco mais positivo para os investimentos”, diz a economista Natália Cotarelli, do Itaú Umbanco.

“Esperamos crescimento para os investimentos, multiligado à construção e à indústria de transformação”, completa.

Por ora, o Itaú prevê PIB de 1,8% neste ano. Oviés é de alta na estimativa, de acordo com Cotarelli. A MB Associados, por sua vez, elevou sua previsão de 1,7% para 2% nesta sexta.

Apesar da desaceleração no segundo semestre de 2023, acreditamos que a economia voltará a crescer em 2024”, projeta a economista Cláudia Moreno, do C6 Bank.

“Aselitem trajetória de queda, a manutenção do mercado de trabalho aquecido e os estímulos fiscais por parte do governo federal devem ser os principais responsáveis pelo crescimento”, completou.

Segundo ela, o C6 deve elevar sua previsão para o PIB de 2024, saindo de 1,5% para “algo próximo de 2%”.

Luciano Costa, economista-chefe da corretora Monte Bravo, vai na mesma linha. De acordo com ele, a economia será beneficiada neste ano pelos efeitos do corte de juros e pela resiliência do mercado de trabalho. A Monte Bravo espera crescimento de 2% em 2024.

O IBGE ainda informou nesta sexta que o PIB totalizou R\$ 10,9 trilhões em 2023. Já o PIB per capita, que divide a riqueza produzida pelo número de habitantes, alcançou R\$ 50.194. Esse valor significa um avanço de 2,2%, em termos reais, ante 2022.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mercado Caderno: A Pagina: 20